

APRESENTAÇÃO

PRESENTACIÓN

I

De repente, em poucos lustros, os seres humanos de nossa época descobriram que essa presença permanente, capilar e ineludível que configura nossa realidade histórica, poderia ser estrutural e organizativamente mais complexa do que pensávamos e que o intento de a conhecer de modo profundo poderia ser mais árduo do que esperávamos; *nossa época, enfim, tinha descoberto a total envergadura problemática da técnica e da tecnologia artefactual que a expressa e determina*¹. A partir dessa espécie de *Aufklärung*, é quase um truísmo dizer que a tecnologia e a técnica constituem a marca mais visível de nossa época; seu significante mais amplo e, paradoxalmente, o mais preciso. As mais variadas estruturas de sentido do nosso mundo (entendido segundo o significado fenomenológico dessa categoria), parecem ser configuradas por meio da técnica e da tecnologia. Podemos indicar vários exemplos a partir de diversos recortes do plexo do real, seja em termos individuais ou em termos coletivos; como exemplo, podemos apontar apenas alguns dos que consideramos os mais importantes. Corpo, saúde, normalidade biológica e patologia são hoje estritamente definidas pela quantificação tecnológica e pela sua apresentação imagética, (análises dos mais variados parâmetros quantitativos e produção de diagnósticos por imagens), dado que a ciência médica moderna não é outra coisa senão o conjunto de possibilidades que o arsenal tecnológico oferece para reconhecer as supostas formas e estruturas objetivas da corporeidade, seu estado natural e seus desvios patológicos. Do mesmo modo, a técnica e a tecnologia deflagram modificações políticas e éticas

¹ Não ingressaremos aqui de modo preciso na distinção entre técnica e tecnologia, para uma leitura mais precisa indicamos nosso texto: “A sentença de Deleuze: ‘A vingança do silício sobre o carbono’; ou uma ontologia do corpo e suas composições”; in: *Trágica - estudos de filosofia da imanência*, v. 14 n. 02, (2021).

profundas e decisivas nas dinâmicas coletivas. No plano estritamente político a predominância técnica nos propõe desafios conceituais e legais severos. Problematizações que abordam questões como a propriedade do conhecimento e da produção tecnológica, sua relação com as regulamentações — tanto sociais quanto emanadas do Estado —, e sua produção concreta de poder e controle sobre o âmbito coletivo-social, entre outras questões políticas urgentes, são mobilizadas pela presença hipertrofiada do técnico em nossa vida coletiva.

Evidentemente essa constatação, que poderíamos definir como civilizatória, histórica e fenomenológica, é explorada reflexivamente nos âmbitos mais diversos, como, por exemplo, o senso comum, o discurso jornalístico, a abordagem científica, a produção artística etc. E, como consequência dessa variedade, são promovidas diferentes abordagens e análises, de acordo com o contexto de leitura (e as consequentes transversalidades e composições que dessas leituras derivam). O dossiê que se segue, acrescenta a essa vasta constelação uma perspectiva singular a partir de um recorte específico embora não original: *Arte e Técnica*.

II

Conforme era de se esperar, a arte, as produções artísticas, bem como a reflexão estética que as abordam, configuram um destes momentos singulares que permite verificar e pensar a presença do técnico em nossa realidade. Na contemporaneidade, a relação entre tecnologia, estética e arte é cada vez mais intrínseca e complexa. A tecnologia, que inicialmente era vista como uma ferramenta utilitária, agora desempenha um papel central na criação e expressão artística. Ela não apenas amplia as possibilidades técnicas dos artistas, mas, e sobretudo, também determina, - as vezes de modo central-, a forma como percebemos e interagimos com o universo das produções artísticas.

Agora, num sentido mais preciso, seria importante perguntar se esta distinção, - arte por um lado e técnica por outro-, seria suficientemente eficaz para compreender a questão. De fato, a distinção parece ser constituída a partir da seguinte disjuntiva: ou pensamos a arte como um “em si”, como um fenômeno que, do ponto de vista de sua natureza, é autossustentável e perdura para além das circunstâncias históricas e das ferramentas e médios técnicos que cada época

oferece ao artista; ou entendemos a arte como um modo de ser que para ser compreendido na sua plenitude deve ser entendido a partir de uma relação mais endógena e intrínseca com seus próprios médios expressivos, sua materialidade e seu arsenal de artefatos e ferramentas.

Ora, justamente o próprio campo do questionar se encontra no centro deste problema, dado que a estética, que tradicionalmente se refere ao estudo da beleza e do gosto, está sendo constantemente redefinida pela própria tecnologia. Novas formas de arte digital, como a arte generativa e a realidade virtual, estão emergindo e desafiando não apenas “o fazer concreto” das formas artísticas, mas também nossas noções tradicionais de beleza e criatividade. Além disso, a tecnologia permite que a arte seja mais acessível e interativa, *permitindo que o público participe ativamente do processo criativo e reconfigurando, desse modo, a relação da técnica com o poder*; ora, esta nova relação pautada na *sensivelmente maior acessibilidade* promove dois novos âmbitos de agenciamento específicos. Um deles opera, concretamente, na *relação que o produto artístico mantém com a esfera de poder institucionalizado*, como são, as escolas de formação, as instituições de *design*, produção e distribuição bem como, em geral, com o ecossistema mediático. Por outro lado, a capacidade extremamente capilar e até invasiva dos produtos artísticos promove uma diversidade de tratamento por parte do poder vinculado à arte, dividindo entre os fenômenos artísticos que se manterão no campo de visibilidade social e aqueles outros que serão excluídos para o campo da invisibilidade, (dos não desejados). Mas, o importante é que ainda se constitui um terceiro campo, que transita entre as vertentes do poder vinculado ao fazer tecnológico da arte e a capacidade de se emancipar deste poder. Isto quer dizer, *as formas de produção artísticas a contrapelo, aquelas que constituem formas de resistência*, quase de uma “Guerrilla Radio”, como cantava *Rage Against the Machine*, formas de arte produzidas pelo orbe tecnológico, inclusive com usos capilares, clandestinos, piratas dos artefatos e processos e que se distribuem, também elas, de modo capilar e microfísico, como um vírus ou a própria peste... *A arte usa da tecnologia para resistir e produzir afirmativamente, a outra arte...*

III

Sempre, ao longo da história, houve relação entre arte e tecnologia, cada época utilizou as técnicas disponíveis nos diferentes momentos históricos para fazer arte. Assim, a relação entre arte e tecnologia ao longo da história é marcada pela adaptação contínua dos artistas às ferramentas e técnicas disponíveis em cada época. No entanto, a singularidade da relação entre arte e tecnologia na nossa época reside em sua intensidade, alcance e natureza interativa.

Uma das esferas onde mais claramente se verifica este fenômeno é no âmbito da escala e do acesso, bem como no da globalização e democratização: A tecnologia atual permite que a arte seja acessível globalmente, sobretudo graças à internet e às redes sociais. Isso facilita a disseminação e o consumo de arte, tornando-a mais inclusiva e acessível a um público amplo e diversificado, mas, por outro lado, também promove novas formas de exclusão, a partir da segregação mais geral do universo digital enquanto tal. Por outro lado, ferramentas disponíveis de natureza digital avançada, como software de edição, realidade virtual (VR) e realidade aumentada (AR), permite que os artistas criem obras complexas e imersivas que antes eram impossíveis. Em virtude desta nova configuração histórica baseada na tecnologia toda uma outra determinação das subjetividades vinculadas à produção e ao consumo de arte se constitui. O surgimento da *interatividade e da imersão do “sujeito da arte” com o próprio fenômeno artístico, de modo material e imanente*, a través de tecnologias que permitem a criação de experiências artísticas interativas e imersivas, que envolvem o espectador de maneira mais profunda do que as formas tradicionais de arte. Isso muda a forma como a subjetividade artística se configura.

Enfim, toda esta nova *ontologia relacional da arte com a técnica*, desagua numa determinação de sua natureza diversa da tradicional, nesse sentido, o ponto mais sensível é aquele que interroga a questão do autor, da originalidade e da “preservação do campo humano de criação”. A utilização de inteligência artificial (IA) e algoritmos para criar arte são o exemplo mais cabal que promove um questionar radical sobre a noção tradicional de autoria e criatividade. Assim, a pergunta de Foucault: “O que é um autor” adquire uma nova dimensão, *talvez uma dimensão própria do litoral informático...*

Ainda dentro da análise “ontológica”, é necessário reconhecer e pensar o fato de que *a tecnologia digital tem sido fundamental na criação de novas formas de arte*

que exploram a interseção entre o físico e o virtual. A arte digital, por exemplo, pode ser facilmente compartilhada e reproduzida, o que levanta questões sobre a autenticidade e o valor da obra de arte. Além disso, a tecnologia permite que os artistas experimentem com novos materiais e técnicas, como a impressão 3D e a inteligência artificial, que estão revolucionando a forma como a arte é produzida e consumida.

Isto dito, (e verificado cotidianamente), leva ao fato inevitável de que a estética contemporânea também seja influenciada pela cultura digital e pelas redes sociais. As plataformas de mídia social tornaram-se espaços importantes para a disseminação e consumo de arte, onde as obras são frequentemente julgadas por sua viralidade e impacto visual imediato. Isso cria um cenário em que a arte precisa ser ao mesmo tempo esteticamente atraente e imediatamente compreensível para um público amplo e diversificado.

Em resumo, a relação entre tecnologia, estética e arte na contemporaneidade é dinâmica e multifacetada. A tecnologia não apenas expande as fronteiras da criatividade artística, mas também redefine a forma como a arte é percebida e interagida. Enquanto desafios surgem, como a questão da autenticidade e o impacto das redes sociais, a tecnologia também oferece oportunidades inovadoras para os artistas explorarem novas formas de expressão e engajamento com o público. Portanto, é essencial que continuemos a explorar e discutir essa interseção para entender melhor o papel da arte e da estética em nossa sociedade cada vez mais digitalizada.

IV

Todo este conjunto de questões que aqui apenas sumarizamos é o que o texto que se segue pretende analisar, pensar e debater.

Para isso, os autores aqui reunidos transitam pelas mais diversas esferas no interior desta problemática, não apenas acompanhando as reflexões de autores específicos, numa importante e vital tarefa de recepção crítica que desague numa *ampliação dos campos semânticos de sistemas conceituais já estabelecidos*, mas também propondo reflexões de cunho mais singular sobre questões específicas. Assim, este monográfico que aqui apresentamos traz análises que vão desde a

exploração de *novas formas de reflexão e escrita estética*, passando pela questão central do *corpo e suas derivas*, (devires técnicos e atravessamentos tecnocartísticos), até a reflexão sobre alguns dos desafios políticos e económicos da relação entre técnica e arte, como são a o *problema da determinação das noções de original e cópia*, (problema do autor), e o desafio maior de pensar as *variações na comercialização dos fenómenos artísticos intangíveis*; e como não poderia ser diferente, sempre atravessado por um vetor de interrogação ontológica, (através de noções como virtual, atual, possível, por exemplo), central sobre o estatuto da arte a partir do seu encontro com a nova tecnologia oriunda de nossa época e, por tanto, do *capitalismo tardio*.

Todo um plexo de análises que, de algum modo, se constitui numa espécie de amostragem legítima da diversidade de questões que se nos apresentam quando a velha e perene arte se encontra com as novas técnicas e tecnologias de nossa época e que ainda restam por serem pensadas.

Eládio C. P. Craia
Curitiba, março de 2025.

Organizadores deste dossier:

Prof. Dr. Alex Fabiano Correia Jardim – Unimontes
Prof. Dr. Eládio C. P. Craia – PUC/PR
Prof. Dr. Fernando Monegalha – UFAL